

Pecuária de corte

Viabilidade do confinamento

Fabiano R. Tito Rosa¹
Alcides Torres²

ENQUANTO A pecuária tradicional, extrativista, de baixa produtividade e sem controle de índices técnicos e econômicos fica cada vez mais inviável, alguns fatores empurram a pecuária em direção a um modelo de produção mais profissional – focado em gestão e tecnologia – como:

- A desvalorização do boi gordo ao longo dos anos;
- O aumento dos custos de produção e das exigências de mercado;
- As pressões socioambientais;
- A valorização da terra;
- A competição com a agricultura.

A produtividade média da pecuária brasileira gira em torno de 4 arrobas/hectare/ano. Se um pecuarista, ainda na ativa, mantém essa mesma produtividade desde o início dos anos 70 até os dias atuais, perdeu a metade de sua renda real. Seria preciso ter dobrado a produção para ter o mesmo faturamento obtido há quase 40 anos. Para ter mantido a mesma margem ou resultado, a escala precisaria ter aumentado ainda mais, pois seria preciso compensar, além da desvalorização da arroba, o aumento dos custos de produção.

Queda na Receita Real de 1 hectare (corrigida pelo IGP-DI)

Período	Receita (R\$)
Década 70	704,51
Década 80	665,25
Década 90	377,98
2000 a 2008	311,77
2008	350,58

Produtividade: 4 arrobas/ano

Para contornar o problema, é preciso tecnologia e gestão. A tecnologia leva ao aumento da produtividade e, conseqüentemente, da receita. Também promove aumento de custos variáveis diretos. Porém, dilui custos fixos e variáveis indiretos. O resultado tende a ser positivo, desde que a aquisição e a incorporação da tecnologia – ou tecnologias – seja feita de forma segura e eficiente. E é aí que entra a gestão.

O confinamento talvez seja a etapa final do processo da incorporação de tecnologia em pecuária. Quando se pensa em aumento consistente da taxa de lotação e, conseqüentemente, da produtividade, é preciso ter em mente que, mais dia ou menos dia, se chegará ao confinamento.

Investimento

Hoje, o investimento para implantar um confinamento é de cerca de R\$600,00 por cabeça, incluindo a área, a estrutura, as máquinas, os equipamentos e os veículos. Considerando-se um confinamento de dois ciclos, o investimento por cabeça cai pela metade. Se forem três ciclos, diminui em quase 67%.

O orçamento para investir em confinamento pode parecer alto, mas não é. Compare com a pecuária tradicional, com um boi por ha. De acordo com o Instituto de Economia Agrícola (IEA), o preço médio da terra de pastagem no estado de São Paulo em 2008 ficou em R\$9 mil por hectare. Esse seria o investimento em área por cabeça. Somando-se a infra-estrutura, as máquinas e o equipamento, chega-se a aproximadamente R\$10 mil por

cabeça. O montante supera em mais de 1.500% o que é investido por cabeça no confinamento.

Sem a necessidade de imobilizar muito capital, ou seja, trabalhar com grandes áreas, o confinamento nos últimos anos tem atraído a atenção de investidores “externos”, e não só de pecuaristas tradicionais:

- Os frigoríficos enxergam a possibilidade de verticalização;
- Os agricultores vêem a oportunidade de diversificação;
- Os fundos de investimentos encontraram um meio de colocar dinheiro em um setor que tem um horizonte de longo prazo, em termos de mercado, bastante favorável.

Como o investimento é relativamente pequeno, o confinamento abre a possibilidade de se obter uma rentabilidade alta, mesmo que o lucro unitário seja baixo. A pecuária tradicional, extensiva, não permite isso. Afinal, rentabilidade é o lucro sobre o total investido.

O maior desembolso do confinador não está relacionado à estrutura do confinamento. O animal (boi magro) vale duas, três ou quatro vezes mais (dependendo do número de ciclos).

Custos e resultados

Vamos considerar um confinamento bem dimensionado, com capacidade estática de engorda para **duas mil cabeças, realizando dois ciclos**. Os parâmetros médios são:

- Peso de entrada: 360 kg
- Peso de saída: 525 kg
- Mortalidade: 1%

Simulação dos custos do confinamento em 2009

Custos	R\$	Participação
Custos fixos (depreciações)	107.011,80	1,81%
Custos variáveis indiretos	354.582,00	5,98%
Mão-de-obra (com encargos)	97.200,00	1,64%
Água e energia	8.450,00	0,14%
Consultoria	18.400,00	0,31%
Contabilidade	5.400,00	0,09%
Misturadora total – operação	81.840,00	1,38%
Trator – operação	72.512,00	1,22%
Pá carregadeira – operação	67.980,00	1,15%
Outras operações	2.800,00	0,05%
Custos variáveis diretos	5.465.571,00	92,21%
Boi magro	3.840.000,00	64,79%
Dieta	1.598.043,33	26,96%
Sanidade	7.800,00	0,13%
Rastreabilidade	14.527,67	0,25%
Outros manejos	5.200,00	0,09%

Fonte: Scot Consultoria

- Dias de cocho/ciclo: 110
- Preço da dieta (alto grão): R\$3,63/cabeça/dia
- Preço do boi magro (considerando o frete): R\$80,00/@ ou R\$960,00/cabeça
- Preço de venda do boi gordo: R\$82,00/@

Síntese de custos e resultados do confinamento em 2009

Resultados finais	R\$
Custo operacional	5.927.164,80
Receita operacional	5.739.971,30
Lucro operacional	-187.193,50
Custo/@ total	84,67
Custo/@ engordada	94,87
Lucro operacional/@	-2,67
RENTABILIDADE *	-27,05%

Fonte: Scot Consultoria

* Lucro sobre total investido, calculada com base no capital médio

Veja a participação dos custos variáveis diretos. Destaque para o boi magro, com

aproximadamente 65% de participação, e para a dieta (alimentação), com 27%. Tem-se aí, com apenas dois itens, 92% do custo do confinamento.

Nada deve ser negligenciado. Porém, está claro que os custos do confinamento são decididos pelo preço do animal que se adquire no mercado (ou pelo custo da recria, no caso do confinamento estratégico) e pela alimentação.

O custo da arroba engordada, ou seja, o custo sem considerar o preço do boi magro, ficou em R\$94,87. No caso, a dieta responde por quase 77% dos custos totais de produção.

Viabilidade do confinamento

Os R\$94,87 por arroba engordada irão aumentar em cerca de 10% a 13% o custo final de produção para quem trabalha com confinamento estratégico, ou seja, para quem recria os animais a pasto, direcionando o gado, o mais pesado possível, para o cocho. Como o aumento do custo é relativamente pequeno diante dos ganhos de produtividade, tem-se

uma estratégia que tende a trazer resultados econômicos positivos.

Quem trabalha com confinamento exclusivo, porém, depende muito mais da valorização da arroba no segundo semestre. O problema é que as variações de preços do boi gordo, entre a safra e a entressafra, são “erráticas”. Além do mais, mediante a incorporação de tecnologia, a tendência de longo prazo é que a amplitude diminua, em função de um equilíbrio de oferta entre os dois períodos.

No caso desta simulação, consideramos o preço de venda do boi gordo em R\$82,00/@, ao redor da média que a BM&F apontava no final de fevereiro para os meses de agosto, setembro e outubro de 2009. Era praticamente o mesmo patamar do mercado físico, ou seja, a Bolsa se mostrava “pessimista” com relação aos preços na entressafra. Portanto, o resultado é negativo.

No entanto, como em qualquer atividade de risco, da mesma forma que os prejuízos podem ser grandes, a rentabilidade com a engorda de bovinos em confinamento também pode ser expressiva, graças ao investimento relativamente controlado. Ou seja, o efeito de uma análise de sensibilidade é elevado.

Na mesma simulação, a rentabilidade alcançaria 23,53% caso o boi gordo fosse negociado a R\$87,00 por arroba. O lucro seria de R\$2,33 por arroba. Na pecuária “extensiva”, caso o lucro por arroba fosse o mesmo, dificilmente a rentabilidade chegaria a 1%.

Tendências

A Assocon (Associação Nacional de Confinadores) acredita que, em função da situação atual de custos e de expectativa de mercado, o volume de animais confinados possa cair 20% em 2009 na comparação com 2008. Se isso acontecer, estima-se que haveria quase 550 mil animais a menos à disposição dos frigoríficos na entressafra. Trata-se de um forte fator de alta para o boi gordo no segundo semestre. ■

1 Zootecnista.

2 Engenheiro agrônomo.